

## **Escola de Quadros:**

### **Teses, III, IV, XII, XIII, XIV "Atualidade do Socialismo e as tarefas dos revolucionários"**

#### **III.- As situações revolucionárias e revoluções do século XX**

##### **A situação revolucionária europeia aberta com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917**

1- É necessário localizar este novo período no contexto da evolução do capitalismo quando se inicia sua fase imperialista no final do século XIX e começo do século XX. Lênin não foi somente o grande estrategista da mais importante revolução socialista ocorrida na história, mas também quem teve a maior capacidade de fazer dois diagnósticos fundamentais. Na primavera de 1916, na esteira dos trabalhos de outros marxistas como Hilferding, definiu uma nova fase do capitalismo, o imperialismo, em seu livro O Imperialismo fase superior do capitalismo. Descreveu os novos traços econômicos em relação à fase original de capitalismo mercantil e de livre concorrência. Concentração da produção e do capital, fusão do capital bancário com o industrial, exportação de capitais, a divisão do mundo entre grandes potências. E também a sua localização política na história como "fase de decadência, decomposição, ante-sala da revolução socialista".

2- Lênin não somente fez esta definição estrutural da evolução do capitalismo – sobre a qual logo voltaremos – e que foi fundamental para explicar a Primeira Guerra Mundial desencadeada pela conquista dos mercados do mundo. Mas também prognosticou a situação revolucionária na Rússia e na Europa. Em 1915, com o início da Guerra Mundial, Lênin escreveu sua famosa definição de situação revolucionária: "1. A impossibilidade das classes dominantes de manter seu domínio de forma imutável. Tal ou qual uma crise 'nas alturas', uma crise política da classe dominante se abre e pela qual se irrompe o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. Para que estoure uma revolução não basta que 'os de baixo' não queiram viver como antes, mas também é necessário que 'os de cima' não possam viver como até então. 2. Um agravamento superior ao habitual da miséria e do sofrimento das classes oprimidas. 3. Uma intensificação considerável, pelas razões antes indicadas, da atividade das massas que em tempos de paz se deixam espoliar tranqüilamente. Mas em épocas turbulentas, tanto pela situação de crise de conjunto como pelas próprias 'alturas' são levadas a uma ação histórica independente".

3- Este prognóstico de Lênin foi confirmado pela realidade. A Guerra Mundial significou um deslocamento do poder imperialista e abriu uma brecha que possibilitou a irrupção revolucionária das massas de trabalhadores e camponeses da Europa. A revolução russa de 1917 não foi um fato isolado; não se pode explicá-la senão como parte da situação revolucionária que se abriu com a primeira guerra no continente, que era, indiscutivelmente, o centro econômico, político e cultural do mundo. Foi uma onda que alcançou a Rússia e Alemanha, esta última já uma potência capitalista que deveria dividir com a Inglaterra o poder mundial. A onda revolucionária se estendeu por toda a Europa e houve revoluções na Hungria, Polônia, Itália, Áustria além da Alemanha, Rússia e todos os países que posteriormente formariam a URSS.

4- Na Rússia, a existência dos Soviets (Conselhos de operários, camponeses e soldados) e de um Partido revolucionário de combate, formado em quarenta anos de luta, nas quais passou por diversas experiências que o forjaram, permitiu a tomada do poder. A revolução alemã, do ponto de vista de suas forças objetivas foi, inclusive, superior à russa. Em meio à guerra, a Alemanha foi atravessada por soviets de operários e camponeses. Inclusive na Renânia, em um de seus estados mais importantes, o soviets de operários e soldados estava no poder. Porém, não pôde triunfar devido à imaturidade do Partido Revolucionário, o que também explica o fracasso em outros países da Europa.

O Partido construído por Lênin, forjado na luta clandestina e pela repressão do czarismo, havia passado pelo ensaio geral de 1905. Havia mostrado sua capacidade de utilizar a legalidade participando da Duma (parlamento) czarista. Soube utilizar todas as formas de luta e pôde evitar desvios economicistas, ultra-esquerdistas, aparatistas ou legalistas. Também passou por diferentes etapas e formas organizativas: a etapa de centralização ao redor do seu jornal, a etapa de partido mais aberto no período de ascenso

revolucionário, a unidade com os mencheviques, dos quais se separou como partido somente em 1912, às vésperas do ascenso revolucionário... Se algo define o leninismo é sua flexibilidade tática, sua audácia para utilizá-las mantendo a estratégia revolucionária.

5- O desgaste produzido pela longa guerra civil, na qual participaram 21 exércitos estrangeiros que invadiram a Rússia, o isolamento da revolução russa como consequência do fracasso da revolução européia abriu um processo termidoriano na Rússia, que culminou na burocratização do Estado Operário. O trunfo de Hitler na Alemanha, em 1933, é o fato definitivo que abriu uma etapa de duas décadas de contra-revolução, o período mais cruel da história contemporânea. Os regimes de Hitler na Alemanha, de Mussolini na Itália e Franco na Espanha significaram o aniquilamento das organizações operárias por métodos de guerra civil. Foi o período no qual se consolidou também o regime contra-revolucionário do estalinismo na Rússia.

### **A situação revolucionária mundial do pós-guerra em 1945**

6- A Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, mostra a lógica irracional do sistema capitalista que necessita destruir capital para voltar a acumulá-lo. Novamente provoca um deslocamento da ordem mundial. Tem características diferentes da Primeira Guerra, pois combina uma guerra entre países imperialistas com uma guerra contra a URSS. Além do mais, trata-se de uma guerra interimperialista peculiar, já que o enfrentamento dos aliados contra Hitler e Mussolini, significou também o enfrentamento ao fascismo. Se na Primeira Guerra a política dos revolucionários, sem dúvida, era o derrotismo revolucionário, ou seja, a derrota de seu próprio país na guerra como mal menor, na linha da transformação da guerra imperialista em guerra civil, nesta oportunidade, para Moreno, a situação era mais mediada.

Ele assinalava que Trotsky não havia armado corretamente a IV Internacional ao não levar em conta esta diferença, qual seja, o fato de que não se poderia defender a derrota do seu próprio exército, por exemplo, na Inglaterra. De fato, os militantes da IV não foram derrotistas. Construíram, junto às massas exploradas e os setores democráticos da resistência, uma unidade de ação com os exércitos aliados, contra o fascismo. A vitória contra o fascismo, em última análise, significava um enorme triunfo democrático, uma revolução democrática vitoriosa.

7- A derrota do nazismo em Stalingrado pelo exército russo abriu uma nova situação revolucionária que, desta vez, teve um caráter mundial. Nos países da Europa central que haviam sido ocupados pelo Exército Vermelho (Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Polônia) acabou se expropriando a burguesia. O mesmo ocorreu na Iugoslávia onde a guerrilha de Tito tinha derrotado o nazismo. A revolução mais importante ocorreu na China, onde o exército camponês dirigido pelo partido comunista de Mao Tse Tung teve um papel importante na derrota da invasão japonesa, o exército nacionalista do Kuomintang, aliado dos EUA, e terminou tomando o poder.

Através da política dos partidos comunistas, na França e na Itália, os trabalhadores não tomaram o poder. A revolução na Grécia também foi traída. Apesar disso as revoluções do pós-guerra significaram um enorme triunfo da revolução mundial, já que em um terço da humanidade o capitalismo foi expropriado. A partir desta situação revolucionária ocorreram também a independência do Egito e da Índia, e surgiram governos nacionalistas burgueses na América Latina como o Peronismo na Argentina, na Guatemala com Arbenz, entre outros. Na Bolívia, junto com o auge do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), se dá também um poderoso fortalecimento dos trabalhadores mineiros com uma importante influência do trotskismo. Em 1952, como resposta a um golpe de estado que impede o MNR de tomar o poder, após ganhar as eleições, há uma revolução operária. As milícias mineiras derrotam o exército, se forma a poderosa Central Obrera Boliviana (COB), na qual o trotskismo teve uma grande influência. Porém, o movimento revolucionário acaba entregando o poder ao MNR.

8- A diferença da revolução russa para as do pós-guerra foi que, nestas, o proletariado não foi o sujeito social principal. Na China, foi o campesinato, na Iugoslávia guerrilhas populares e camponesas. A revolução boliviana derrotada foi a exceção. Todas elas foram lutas pela libertação nacional que deram origem a governos de coalizão de classes, que logo terminaram expropriando o capital quando a burguesia quis demover os Partidos Comunistas com os quais compartia o poder.

A partir da Revolução Russa se desenvolveu a III Internacional, que agrupou as organizações socialistas revolucionárias com influência de massas em escala mundial. Quando Trotsky fundou em 1938 a IV Internacional, seguindo o raciocínio da primeira onda revolucionária, prognosticava que na inevitável

guerra mundial, que se avizinhava, se repetiria a situação da primeira e a IV Internacional, e se constituiria como uma organização de massas. Mas as revoluções do pós-guerra fortaleceram o aparato burocrático que tinha se apoderado do poder na URSS. No pós-guerra, este estendeu seu domínio direto e indireto sobre todos os processos revolucionários, na medida em que absorveu as direções que cumpriram um papel revolucionário, freando assim os processos para a política de coexistência com o imperialismo. A IV Internacional constituiu-se como uma organização de vanguarda, que teve o enorme mérito de defender o programa revolucionário.

9- No pós-guerra o imperialismo estadunidense se torna hegemônico, substituindo definitivamente a Inglaterra. Portanto, há uma nova divisão do mundo a partir do pacto de Yalta. Dois terços sob o controle dos EUA e um terço sob controle soviético. Este pacto significou o respeito às zonas de influência através da chamada "coexistência pacífica". A burocracia russa freava toda tentativa de revolução que se desenvolvesse na área de influência dos EUA que, por sua vez, respeitava a área de influência do aparato estalinista. Este usou seu poder econômico e político para controlar os processos. A burocracia cumpriu um papel nefasto de frear a revolução em países capitalistas estratégicos. A grande Revolução Cubana se fez à margem e contra a política do Partido Comunista de Cuba. Mas, posteriormente, o isolamento imposto pelo cerco imperialista e o próprio processo interno na ilha levou a uma absorção pelo aparato de Moscou.

10- A economia-mundo seguiu controlada pelo imperialismo, mas ao mesmo tempo, este teve suas fronteiras limitadas como consequência da expropriação da burguesia nos estados operários. Se é verdade que cumpriu um papel contra-revolucionário foi, ao mesmo tempo, contraditório, já que era o aparato de estados cuja base social não era capitalista. Não se pode explicar que em Cuba chegasse a expropriar a burguesia sem levar em conta a existência do chamado bloco soviético.

### **As revoluções de 68**

11- Em 1968 há uma nova onda mundial de revoluções que questionam o status quo de Yalta. É o ano do maio francês, uma insurreição estudantil que se radicaliza, de tal forma, que passa por cima da direção do Partido Comunista Francês e leva a uma greve geral que paralisa a França por um mês. Este ascenso estudantil foi mundial. O México, por exemplo, teve uma poderosa greve estudantil em 68, e até mesmo nosso país foi parte desta onda, embora com muito menos força, com a passeata dos 100 mil no RJ. Neste período ocorre a ofensiva de Tet, que muda a correlação de forças da Guerra do Vietnã e coloca na defensiva o exército dos EUA. Na China se desenvolve a Revolução Cultural, impulsionada por Mão, o setor mais progressista da burocracia. Acontece também a revolução política na Tchecoslováquia, que é esmagada pela invasão do exército russo. O Cordobazo e Rosariazo na Argentina, o triunfo de Allende no Chile em 1970. Como parte deste processo, no final de sua onda, em 1974, ocorre a Revolução dos Cravos em Portugal como resultado da luta de libertação de suas colônias.

12- Neste período surgem novos movimentos revolucionários à esquerda do estalinismo, e em questionamento aberto a este; nesse momento se fortalecem o castrismo e o maoísmo, que eram relativamente independentes do aparato de Moscou. Mas esta onda de revoluções já não é um triunfo em todos os aspectos como no pós-guerra, porque o imperialismo tem poder de reação. Ainda que a derrota dos EUA no Vietnã tenha sido um grande triunfo político e militar, também houve a derrota no Chile, comandada pelos EUA, em 1973. Nesta onda e nas seguintes não houve fratura na dominação mundial da burguesia. Os EUA estabilizaram a situação do oriente asiático ao pactuar com a China. Vietnã foi a única vitória no momento e, ao mesmo tempo, a última expropriação da burguesia. Posteriormente, ondas mais focalizadas em 1979-80, com a revolução nicaragüense que se estendeu a El Salvador e Guatemala. Mas eram marginais do ponto de vista da correlação de forças. A exceção foi a revolução Iraniana, que em parte explica o motivo pelo qual esta região seja um dos centros da luta de classes atual. Tanto na Nicarágua como no Irã, aconteceram revoluções políticas contra regimes autoritários que triunfaram liquidando os aparatos e seus exércitos. Deram-se também importantes triunfos políticos com a queda das ditaduras brasileira e argentina.

### **A queda do estalinismo em 1989**

15- Em 1929, quando a oposição de esquerda na Rússia foi definitivamente derrotada e a burocratização irreversível, Trotsky formulou a tese, em seu trabalho A Revolução Traída, de que na URSS se deveria

fazer uma revolução política, ou seja, a burocracia deveria ser derrubada por uma ação revolucionária das massas. Esta revolução deveria ser política, já que tinha que derrubar o regime e não as relações de produção, pois havia se expropriado a burguesia. Trotsky deu um prognóstico alternativo. Ou a burocracia seria derrubada pela revolução política ou a URSS caminharia para a restauração do capitalismo. No pós-guerra houve várias revoluções políticas tal como definiu Trotsky. Na Alemanha, na Hungria e na Tchecoslováquia se deram revoluções operárias e populares contra a burocracia e seus privilégios, defendendo o socialismo. Elas foram esmagadas pelo exército russo.

Nos anos 80, na Polônia, formou-se o Sindicato Solidariedade (Solidarinosk), uma organização dos operários polacos que se estendeu em nível nacional e desafiou a burocracia. Foi dirigida pela Igreja e houve alas de esquerda trotskizantes. Sua mobilização foi derrotada. Alguns anos mais tarde, em 1989, a revolução dos estudantes de Tianamen é também, de forma selvagem, reprimida. Uma revolução contra a burocracia e seus privilégios, talvez a última revolução política na qual ainda existia a disposição de recuperar o socialismo.

Em seguida, vem a onda de revoluções que se iniciaram em 89, na Alemanha, com a queda do Muro de Berlim (Romênia, Tchecoslováquia, Hungria e Rússia). São revoluções democráticas que derrubam o aparato totalitário e de partido único do estalinismo. Conseguem-se liberdades democráticas e a burocracia ou setores dela realocizam-se e formam partidos novos para conduzir a restauração do capitalismo.

16- O ano de 1989 representa, sem dúvida, uma nova etapa. A queda do estalinismo abriu uma situação mais contraditória e não mais revolucionária. Em 89-90 essas revoluções democráticas contra os regimes políticos se combinaram com um ascenso na luta de classes em alguns países da América Latina (o Caracazo na Venezuela, início do movimento de massas que teve como desdobramento anos depois a vitória eleitoral de Chavez, as eleições de 89 no Brasil, os movimentos de saques e greves na Argentina e neste país o crescimento do Movimiento Al Socialismo-MAS que se converteu no maior partido trotskista). Houve importantes lutas e o trotskismo começou a ter um papel importante, sobretudo, na Argentina. (Neste momento cometeram-se muitos erros que desenvolveremos em outro texto, pois é importante reconhecer o papel que deve e pode ter um partido que começa a ganhar influência de massas).

O concreto é que essas revoluções aconteceram em meio a uma situação na qual a dominação imperialista, através dos governos de Reagan e Thatcher, já estavam em uma intensa ofensiva para recompor a acumulação capitalista. Por isso mesmo, levaram à restauração capitalista e à derrota das insurreições. Dessa maneira, se abre uma nova etapa ou período que é muito contraditório e, de forma alguma, podemos dizer que é a continuidade da etapa revolucionária anterior ou, ainda, uma etapa mais revolucionária. Os fatos da realidade mundial, nesse aspecto, são indiscutíveis: não houve sequer uma revolução em que a classe operária ou outros setores sociais tomassem o poder para avançar rumo a um governo operário e camponês; não houve nenhuma expropriação da burguesia. O capitalismo conquistou novos mercados e uma nova onda expansiva.

#### **IV.- Uma simplificação equivocada da definição de situação revolucionária de Lênin**

1- A idéia sustentada por algumas correntes de que há, hoje no mundo, uma situação revolucionária, se apóia na análise de Moreno elaborada na década de 80. Nesse momento, Moreno sustentou a idéia de que a situação aberta em 68 era parte de uma etapa revolucionária aberta em 1945. Assim, cometeu o erro de estender a etapa revolucionária do pós-guerra até a década de 80 (Moreno morreu em 1987), e transformá-la em 1979-80 em uma situação revolucionária mundial. Inclusive foi além. Apoiando-se principalmente no triunfo sobre o imperialismo no Vietnã, na crise econômica de 1968 e na crise que havia começado no aparato estalinista, igualmente cruzado pela crise econômica, chegou a prognosticar uma quarta etapa que se abriria a partir da queda deste aparato e que colocaria novamente revoluções como a de Outubro – revoluções dirigidas por um partido revolucionário – na ordem do dia. Dessa forma, Moreno falava nos anos 80 de uma dinâmica revolucionária mundial que superava as situações de 1917 e 45. Acreditamos firmemente que se Moreno tivesse vivido alguns anos mais (morreu com apenas 64 anos), esta caracterização seria corrigida. Pois antes de seu falecimento já observava que os processos que havia previsto se davam de forma muito mais mediada. Porém, esta correção não foi feita.

Moreno acreditava que uma situação revolucionária mundial significava "que estavam dadas as

condições para que, em diferentes países do mundo, eclodissem crises revolucionárias, guerras civis e revoluções ainda que, em definitivo, pudessem não triunfar”.

2- A elaboração de Moreno sobre a situação revolucionária mundial foi acompanhada da existência de uma frente contra-revolucionária mundial, na qual se encontravam praticamente todas as direções burocráticas e pequeno-burguesas que freariam a revolução. Quer dizer, havia condições objetivas para as revoluções, mas estas não se davam ou não triunfavam por consequência dos aparatos contra-revolucionários.

3- O exagero de caracterização da situação mundial levou a enxergar qualquer processo sob o prisma da existência de uma situação revolucionária mundial. Assim se distorceu a realidade ao considerar todos os processos agudos da luta de classes, como a queda das ditaduras no Brasil e na Argentina, e ao sustentar que eram, em definitivo, processos revolucionários inconscientes ou revoluções de fevereiro que abriam uma dinâmica favorável à revolução socialista. Dizia ele, que eram socialistas porque enfrentavam invariavelmente o capitalismo e que por isso mesmo sua dinâmica seria similar ao processo russo de fevereiro a outubro, quer dizer um processo revolucionário ininterrupto.

4- Essas caracterizações que, evidentemente, forçavam a realidade objetiva que se vivia, se fez baseado em uma simplificação da definição de situação revolucionária de Lênin com seus três traços principais que descrevemos no ponto 3.

Esta caracterização foi simplificada nos anos 80. Dizia-se que há uma situação revolucionária “quando os de cima não podem seguir governando como antes e os de baixo não querem mais seguir sendo governados como antes”. Como diz Roberto Robaina: “desta definição geral se pode tirar qualquer conclusão que os esquerdistas tiram. Qualquer crise política mais ou menos grave nas classes dominantes é o sinal de que não podem seguir governando como antes e que qualquer descontentamento geral de greves salariais expressa que os de baixo não querem mais ser governados como antes”. (Roberto Robaina, notas sobre Lênin, editado pelo MES)

Em vários escritos, tanto Lênin como Trotsky, insistem que uma das condições da situação revolucionária é “a disposição das massas de levarem ao cabo uma ação histórica independente”, quer dizer, insistem na consciência revolucionária das massas. Este aspecto foi minimizado pela corrente de Moreno em todas as caracterizações dos anos 80, nos quais se considerava toda a ação de massas objetivamente nessa linha, ao mesmo tempo em que se superdimensionava a situação objetiva.

5- Para resgatar a elaboração de Lênin, deve-se dizer que situação revolucionária significa o período no qual está aberta a luta pelo poder político. Lênin viu e acertou na situação revolucionária no ano de 1915, quando a guerra interimperialista mostrava a fratura absoluta das classes dominantes e, portanto, se abria uma brecha enorme para a atividade das massas em uma “ação histórica independente”. O mesmo aconteceu no final da segunda guerra mundial.

É possível então que tenhamos que dizer que houve somente duas grandes situações revolucionárias que deslocaram a dominação imperialista, mudaram a correlação de forças em nível mundial e limitaram o capital: a primeira com mais ênfase na Europa a partir da Primeira Guerra e a segunda, com contornos mais mundiais a partir da Segunda Guerra (a diferença entre uma e outra, do ponto de vista dos trabalhadores – como corretamente assinalou Moreno, foi a direção bolchevique na primeira). Não é casualidade que nas duas se avançou substancialmente sobre o capital, concretamente expropriando a burguesia, e no caso da segunda, ainda com a independência de países como a Índia e o Egito, além dos processos nacionalistas na América Latina.

Se partirmos da totalidade mundial, veremos que a onda de 68 é essencialmente uma situação pré-revolucionária, com picos revolucionários mais agudos, com grandes vitórias, mas que não conseguiram desestabilizar a dominação imperialista como em 1917 e 45.

6- Este erro de Moreno não nega o mérito de ser o trotskista da geração dos anos 40 que mais contribuiu para compreender o que havia de progressista nas revoluções do pós-guerra, revisando com audácia as formulações de Trotsky na tese da Revolução Permanente para incorporar fenômenos novos acontecidos neste período. Ao mesmo tempo, acreditamos que Moreno generalizou, sistematizou e teorizou exageradamente os fatos da luta de classes, perdendo de vista a necessidade da análise concreta da situação concreta que tanto insistiu Lênin. Isto foi o que levou aos exageros e distorções na análise da situação nos anos 80.

É também mérito de Moreno a insistência em analisar os momentos da luta de classes à luz da situação internacional. Moreno sistematizou as etapas ocorridas no século XX desde 1917 com a Revolução Russa, as duas décadas contra-revolucionárias do pós-guerra e a nova etapa que se abriu em 45. No

entanto, quando Moreno dividia em etapas, caracterizava essencialmente períodos determinados da luta de classes com base na correlação de forças entre as classes. Quando Chesnais fala dos períodos históricos, leva em conta também as mudanças na estrutura da acumulação capitalista, em suas instituições etc. Mudanças que podemos notar facilmente nos últimos 25 anos.

Por isso, usando somente Moreno, temos dificuldade de caracterizar a nova etapa pela enormidade de mudanças estruturais na acumulação do capital, que vão além da correlação de forças. Ainda que todas as mudanças estejam ligadas às lutas entre as classes e a correlação de forças que elas estabelecem há uma relação dialética e não casual entre elas.

São questões centrais no debate para compreender a nova etapa aberta com a queda do estalinismo.

Por isso, Chesnais afirma que não há cortes e existe um período ininterrupto de acumulação de capital há 50 anos.

## **XII- América Latina, os governos da Venezuela, Equador e Bolívia Um novo nacionalismo progressista**

1- América Latina vive uma nova situação que começou entre o fim dos anos 90 e o início de 2000. Como resultado da combinação dos processos insurrecionais populares e eleições, surgiram nestes três países, ainda que tenham diferentes graus de avanço, governos de ruptura com o modelo neoliberal e em choque com setores burgueses tradicionais e dominantes. Estes governos recuperaram os recursos naturais e fortaleceram o poder estatal na economia, redistribuindo de outra maneira a renda pública. Nestes três países realizaram-se processos constituintes e constituições que consolidaram os avanços. Dessa maneira surgiram países em ruptura com a dominação imperialista e uma relativa independência política, sendo a Venezuela, o mais consolidado. Esta situação significou também uma mudança na situação de Cuba que rompeu seu isolamento político.

2- Não podemos explicar estes governos se não partirmos da mudança ocorrida na luta de classes nesses anos. No Equador, Bolívia, Argentina, Venezuela entre 1998 e 2006, houve mobilizações insurrecionais que tiraram governos comprometidos com as políticas neoliberais, que haviam sido eleitos pelo povo. Na Venezuela foi o levante popular contra o golpe imperialista em abril 2002. Mobilizações que enfrentaram as profundas transformações feitas pelos governos neoliberais, o desmantelamento dos serviços públicos pelas privatizações realizadas, como também nos regimes políticos, já que os governos, os partidos políticos e os parlamentos perderam todo o caráter de representação popular para transformarem-se em agentes dos grandes capitalistas. A política se tornou um comércio e uma fonte gigantesca como nunca de corrupção, principalmente porque os políticos se beneficiaram pessoalmente com as privatizações. Os países acentuaram o caráter semicolonial em relação dos EUA. Estes processos enfrentaram esta situação e promoveram importantes mudanças no terreno político, econômico e cultural.

Por isso mesmo, trata-se de mobilizações democráticas e antiimperialistas que surgiram como resposta às necessidades objetivas que estão colocadas na América Latina – e em todo o chamado terceiro mundo – como consequência da crise do capitalismo e do caráter da dominação mundial, bem como de sua política de rapina diante dos esgotamentos dos recursos naturais. Nestas mobilizações democráticas, antiimperialistas e populares, a classe trabalhadora não atuou como classe, mas como parte do processo junto a desempregados, camponeses etc.

3- O processo latino-americano é um processo desigual. Seria um erro não ver que existem situações diferentes da luta de classes. Brasil, o maior país, vive claramente uma situação de forte estabilidade da burguesia, na medida em que esta conserva sua ofensiva sobre o movimento de massas com o governo Lula. Mais negativa é a situação da Colômbia onde há uma situação reacionária. O conflito provocado por Uribe no Equador desmente aqueles que vêem uma situação revolucionária linear em todo continente. Indica que há polarização como resultado de que burguesias poderosas e o imperialismo não aceitam estes governos e estes regimes. Trata-se de uma polarização continental onde se enfrentam países e mesmo no interior dos países, como no caso da Bolívia, onde a burguesia do sul do país está preparada (se não houver uma capitulação de Evo) para a divisão do país e, inclusive para um confronto militar. Em definitivo, são governos que não são aceitos pelo imperialismo nem pelo setor mais poderoso das burguesias nativas.

4- Estes movimentos não repetem mecanicamente etapas anteriores do nosso continente, porque tem componentes específicos, mas inscreve-se numa história continental riquíssima de processos

nacionalistas que enfrentaram o imperialismo. De processos revolucionários e contra-revolucionários que ocupam todo o século XX, que teve início na Revolução Mexicana e que em seguida tiveram processos nacionalistas burgueses como o peronismo na Argentina, o Aprismo no Peru e Arbenz na Guatemala. Depois, o ponto de inflexão da revolução cubana, posteriormente Santo Domingo, os processos dirigidos por militares mais nacionalistas como Torrijos, Velasco Alvarado, Torres... Também o governo Allende e o Sandinismo na Nicarágua. Cuba foi o mais avançado, pois foi o único país que consolidou sua ruptura expropriando a burguesia.

5- O atual é um novo tipo de nacionalismo pequeno-burguês que, como dizíamos, surge depois e como consequência de fortes processos de mobilizações e insurreições, rompendo com a burguesia tradicional e dominante desses países que implementaram o neoliberalismo na década de 90. No caso da Bolívia, Evo apóia-se, fundamentalmente, no campesinato e nos povos indígenas; Correa, no Equador, apóia-se na classe média urbana de Quito e no campesinato. No caso de Chávez uma base social de excluídos e explorados, setores pobres das cidades, camponeses e indígenas que saíram fortemente em sua defesa quando houve o golpe de Estado em 2002. Chávez, ao resgatar o bolivarianismo, imprimiu a este movimento nacionalista um caráter latinoamericanista. Coloca a necessidade de uma integração latinoamericana independente do imperialismo, e tem como ponto de apoio a ALBA. É, então, um movimento nacionalista progressista que toma tarefas antiimperialistas e democráticas, de independência nacional, de recuperação dos recursos naturais e da integração continental que são fundamentais para nosso continente.

6- Não se pode compreender o signo destes nacionalismos isolado do período mundial que estamos analisando, um mundo dominado pela polarização e de ofensiva do capital sobre os trabalhadores em escala planetária. Estes processos com suas limitações e contradições que, logo veremos, são parte importante da resistência das massas ao imperialismo e, visto objetivamente em escala mundial, os processos mais avançados. Se olharmos o mundo objetivamente, não há agora, em nenhum lugar uma luta que esteja colocando de forma direta o poder para os trabalhadores, que significa levar adiante a expropriação da burguesia. De outra parte, surgem no período pós-estalinista, quando não existe este aparato mundial que controlava os movimentos sociais. Se, por um lado, torna mais difícil a tarefa de expropriação da burguesia, por outro, permite que sejam expressões nacionais mais independentes. Em Cuba, o avanço rumo à expropriação se deu na forma de "contragolpe". Quer dizer, não foi uma medida consciente da direção e sim uma resposta aos ataques do imperialismo. E foi facilitada pelo fato de que existia o bloco soviético na qual Fidel poderia apoiar-se para sustentar sua economia e o estado.

7- A aparição destes novos processos em nosso continente fez com que mudasse a situação cubana. Por um lado, rompeu-se o isolamento econômico que Cuba teve com a queda do Muro de Berlim. Antes disso, Cuba tinha uma dependência completa, econômica e política, da burocracia russa. Como representação de tal política cumpriu um papel de freio no começo dos anos 80 na América Central. Hoje em dia rompeu o isolamento e cumpre um papel progressista na medida que contribui para a formação de um bloco de países, ao mesmo tempo que segue o aparato bonapartista, com o qual tem uma associação fundamental.

8- A evolução da luta antiimperialista no continente depende, por um lado, da dinâmica que possam ter esses processos, mas ao mesmo tempo e, dialeticamente, de sua extensão a outros países do continente em que estejam colocadas as mesmas tarefas. Apontam nesse sentido também, na atual conjuntura, as lutas do Peru contra o TLC e a luta democrática eleitoral aberta no Paraguai. Peru é o país que está fazendo, neste momento, as mobilizações contra o TLC de tipo regionais e nacionais. E é onde se formou um bloco político e social que inclui as organizações operárias e camponesas CGTP, CCP, setores regionais e o Partido de Humala, que aparece como uma expressão política desse processo. É possível que o Peru seja o próximo episódio das mobilizações que sacudiram ou derrubaram governos, o que seria também uma oxigenação da ação das massas contra o imperialismo. De outra parte, é possível que no Paraguai o triunfo de Lugo signifique o fim de um regime político herdado do strosnerismo e a abertura de um novo processo democrático com fortes elementos antiimperialistas. Pelo menos nesta direção devemos apostar e trabalhar.

### **O governo de Chávez, suas contradições e limites**

9 – É importante fazer algumas precisões sobre o caráter destes governos e seus regimes e estados. As insurreições ocorridas na Bolívia, Venezuela e Equador, não significaram a destruição do estado burguês

como tal e, em particular do exército, ainda que tenham ocorrido mudanças fundamentais nestes. Equador e Bolívia foram menos afetados. No caso da Venezuela houve uma transformação importante como consequência do levante de Chávez de 92 e do golpe de 2002, sendo o próprio caráter do exército venezuelano mais popular que o da Bolívia.

Há uma grande diferença do que aconteceu em Cuba e Nicarágua. Em Cuba, a luta da guerrilha contra a ditadura e a insurreição popular destruíram o aparato de repressão do estado burguês de Batista. A revolução cubana se iniciou como um processo democrático popular, em seguida, passou a ter um conteúdo antiimperialista, e ante a reação dos EUA acabou expropriando a burguesia. Avançou na destruição do estado burguês com a expropriação. Na Nicarágua, também, a combinação da luta guerrilheira e a insurreição de massas terminaram com o aparato militar e acabaram por fragmentar todo o estado burguês. O governo sandinista terminou incluindo burgueses, fazendo uma economia mista e refazendo o estado burguês. Após uma ofensiva militar do imperialismo através dos contras, aceitou uma negociação que permitiu que a burguesia recuperasse o poder via eleições.

10- Não é tarefa fácil definir o caráter do Estado, do Regime e do Governo na Venezuela. Em primeiro lugar, devemos dizer que, após nove anos de governo Chávez, a Venezuela é, hoje, um país independente, segundo a definição de Lênin de países que, sem serem socialistas, saem da esfera de dominação política do imperialismo; são independentes como nação. A definição de bonapartismo é útil, não a utilizamos no sentido de autoritário, mas no sentido em que Trotsky definiu em relação ao México, onde dizia surgir um governo que, por debilidade intrínseca da burguesia, apóia-se em um aparato para governar por cima das classes e tem que fazer concessões aos trabalhadores e às massas pobres para enfrentar o imperialismo. Podemos definir o Estado como burguês, já que não expropriou a burguesia. No entanto, dizer somente isso é insuficiente, na medida em que a burguesia como classe não domina o Estado. O bonapartismo, segundo Moreno, é um tipo de Estado burguês sui generis. Nós agregaríamos burgueses muito sui generis.

### **Bonapartismo e Burocracia**

11-A constituição venezuelana é muito progressista em relação ao resto da América Latina porque estabeleceu formas institucionais e conquistas democráticas que permitem uma maior participação popular. Os elementos bonapartistas, alguns dos quais estavam no projeto de reforma, têm duas caras. Estabelece maior controle do aparato estatal pelo presidente, o que também significa maiores restrições à burguesia opositora. Isto não é ruim, não criticamos Chávez por não prorrogar a concessão à RCTV, ou porque ataque "liberdades" para a burguesia, já que a política desta é reacionária, contra o processo em curso. O que é preciso criticar é o bonapartismo militar burocrático do regime que fecha os canais por baixo, restringe as conquistas obtidas em nível comunal e não permite a autonomia das organizações populares.

Este é, hoje em dia, o ponto mais contraditório e crítico do processo bolivariano; o controle do aparato estatal pela burocracia, o uso desse aparato para enriquecer uma casta que tem feito grandes negócios com base na corrupção e como comissionados pela burguesia.

A forma mais efetiva de atacar esse processo é a luta contra a burocratização pela participação popular e pelo aprofundamento do processo democrático a partir de uma posição crítica de esquerda ao processo, defendendo também a autonomia do movimento popular e a democracia dentro do PSUV. Não acreditamos que o central seja a expropriação da burguesia e a crítica de Chávez pelo que não faz, ainda que seja importante dizê-lo, pois explica, em parte, a burocratização. É um contexto mundial diferente ao que havia quando Cuba, onde a direção não era dos trabalhadores e socialista, avançou rumo à expropriação. Não se repete, entre outras coisas, porque não há hoje o Bloco Soviético. Por isso, a exigência fundamental ao chavismo é – junto à luta contra a burocratização – que tome medidas para resolver os problemas do povo e a defesa do país frente ao imperialismo que segue com sua política reacionária contra Venezuela.

13- Esta situação altamente contraditória terá que ser resolvida. Se não há mudança na política do chavismo, este será cada vez mais cooptado pelo aparato burocrático e pode conduzir a um desgaste maior e a uma derrota do processo em curso. Isto, porém, não aconteceu. Nossa tarefa é intervir para evitá-lo, mas é uma perspectiva aberta que pode repetir o que aconteceu com outros movimentos nacionalistas na América Latina em outros períodos de nossa história.

## **A atual conjuntura latino-americana**

14- A conjuntura latino-americana dos três últimos meses está marcada por duas derrotas, tropeços e golpes que permitiram certa contra-ofensiva do imperialismo e seus governos aliados. Ao passo que caracterizamos que a derrota no referendo poderia abrir um período de reflexão positivo em um setor da vanguarda na Venezuela, isso não nega que o rechaço à nova constituição com suas reformas progressistas, pela abstenção de um setor do povo, significou um golpe no processo. A isto é necessário agregar a declaração de secessão dos departamentos da "meia lua" do sul boliviano, que é um passo da poderosa burguesia sulista rumo a uma política separatista na Bolívia. Este é talvez o golpe que menos se tem sentido, pois na polarização instaurada Evo mantém suas forças quase intactas.

É preciso somar a derrota do NÃO ao TLC na Costa Rica mediante manobras fraudulentas do governo pró-ianque desse país. E o fato mais importante que indica a polarização e a política reacionária do imperialismo contra os países independentes foi a invasão do exército colombiano em território equatoriano para levar adiante a ação criminosa de Uribe contra as FARC.

Uribe é o governo ponta-de-lança do imperialismo na região diretamente associado à lumpemburguesia do narcotráfico e ao paramilitarismo. Configura um novo tipo de regime, já que não é uma ditadura, pois há eleições, mas se sustenta com base a um novo militarismo dos paramilitares combinado a uma forte presença ianque e do estado sionista de Israel. A denúncia de Chávez sobre a ameaça de intervenção na Venezuela baseava-se em fatos reais. A ação é um precedente que coloca da parte dos EUA a possibilidade de transformar essa zona na Palestina da América Latina usando a Colômbia como Israel latino-americano. Ainda que os americanos dificilmente possam fazê-lo no atual período eleitoral, se trata de uma política estratégica.

14- Não acreditamos que haja uma inversão substancial da correlação de forças no continente, mas sim, marca certa contra-ofensiva imperialista. Significa um período no qual dentro da polarização política e social na América Latina, a burguesia mais aliada e os EUA retomam a iniciativa reacionária. A ação empreendida pela petroleira Exxon contra a PDVSA, que conseguiu congelar fundos desta empresa como resposta à nacionalização que fez Chávez da mesma em Orinoco é parte disso. Mas, se não existe agora uma mudança substancial na correlação de forças, já que nenhum desses processos latino-americanos está com um ponto de inflexão irreversível, esta situação continuará a não ser que haja uma reação do Governo Chávez e uma nova onda de mobilização de massas na América Latina, conseqüentemente, novas medidas dos governos nacionalistas. Nesse sentido, os processos do Peru e Paraguai podem ser um tubo de oxigênio para reativar as lutas contra o imperialismo.

A situação internacional favorece esses processos à medida que o preço do petróleo e outros produtos primários produzidos na América Latina continuam em alta e a situação de desgaste do imperialismo estadunidense segue.

15- A política contra-revolucionária do imperialismo na América Latina seguirá atuando contra esses governos. A ofensiva reacionária permanente não significa apenas política de golpe, mas de instigação e desestabilização permanente para criar as condições para o avanço da contra-revolução. Isso é o que estão fazendo sistematicamente na Venezuela.

16- Existem na região três tipos de governos que se localizam de maneira diferente nesta situação política e econômica. Peru, México, Chile e Colômbia que respondem diretamente à política dos EUA. Argentina e Brasil que têm disputas entre si, pois a Argentina não aceita a hegemonia absoluta do Brasil. Este país, que é o mais desenvolvido, tem elementos de subimperialismo, uma classe dominante muito integrada à burguesia mundial, também é quem cumpre um papel de mediador para frear o processo latino-americano. Por sua vez, faz isto também para ganhar espaço frente à decadência ianque, para tentar avançar na economia mundial como está fazendo a Índia.

Ser parte dos processos criticando com independência

17- Nossa política é ser parte desse processo mantendo nossa independência organizativa, isto é, impulsionar dentro do mesmo uma corrente antiburocrática de massas. Isso significa impulsionar pela esquerda do processo uma luta clara contra a burocracia.

Trata-se de construir um pólo que possa transformar-se em uma alternativa que incida sobre os setores mais progressistas do aparato estatal e sobre o movimento de massas. Para isto o eixo político é a luta por uma política que resolva os problemas do povo atacando de forma contundente aos sabotadores e à burocracia inepta.

Pela democratização do processo, pelo controle do povo e dos trabalhadores da administração e mesmo

da produção. A partir dessas demandas é preciso construir uma alternativa por dentro que possa ser uma opção. Esta disputa está aberta e é preciso fazê-la dentro do PSUV, onde surgiram setores que reagem contra as manobras do chavismo. É preciso construir por dentro porque não há alternativa por fora, porque não há uma alternativa nem outro poder alternativo ao de Chávez neste período da luta de classes.

É um erro acreditar que Chávez tomou medidas como consequência da pressão permanente do movimento de massas, como se Chávez fosse um Kerenski venezuelano. Segundo esta opinião Chávez toma essas medidas como uma manobra reacionária para frear o ascenso das massas. Na verdade, Chávez é a direção do processo real que existe. Sem Chávez não haveria o processo em curso. Não existe, tampouco, uma situação de duplo poder e construção com isso de uma alternativa revolucionária dos trabalhadores.

Atuar por fora é fazer propagandismo abstrato das posições socialistas e localizar-se consciente ou inconscientemente no campo da burguesia, como ocorreu no referendo com aqueles que votaram NÃO ou defenderam a abstenção. Como também ocorre no referendo constitucional da Bolívia ou da mesma forma, se não se apoiasse as medidas tomadas pelos governos da Venezuela e do Equador diante da ofensiva de Uribe.

Ser parte do processo é também "regionalizá-lo", ou seja, empalmar com todas as correntes que o reivindicam na América Latina e chamar a avançar pelo mesmo caminho em outros países, especialmente, na atual conjuntura, o Paraguai e o Peru.

### **XIII- Sobre a política dos socialistas nos países atrasados**

1- A situação atual da América Latina remete às tarefas que estão colocadas nesses países e a posição dos revolucionários frente às mesmas. Em um plano mais agudo pela situação mundial que falávamos estão vigentes as tarefas democráticas e nacionais que a burguesia não fez pelo caráter independente do desenvolvimento destes países. A situação mundial também coloca a independência nacional como uma tarefa latino-americana vinculada à integração, a um novo bloco de países independentes.

2- Fizemos uma polêmica histórica com os partidos comunistas e os reformistas sobre o Etapismo ou a Revolução Permanente. Para aqueles os socialistas deviam apoiar por toda uma etapa à burguesia para que faça estas tarefas. A realidade mostrou que a burguesia pode e tem confrontos com o imperialismo, mas não podem – e menos ainda neste período de mundialização – levá-las adiante de forma consequente. Tem que haver uma ruptura, primeiro política e depois econômica com o capitalismo imperialista. O processo começa por essas tarefas democráticas e antiimperialistas que se combinam de forma ininterrupta por todo um período com as tarefas socialistas.

3- Também nos diferenciamos dos que podemos chamar como socialistas dogmáticos ou propagandistas, que sob a caracterização de que a burguesia não pode cumprir a tarefas, dizem que o que está colocado é a luta dos trabalhadores pelas reivindicações socialistas.

4- Frente a estas duas posições está a Revolução permanente ou ininterrupta. Significa que só se pode fazer a revolução ao redor dessas tarefas democráticas e antiimperialistas colocadas e que a partir do desenvolvimento delas se avança a uma dinâmica cada vez mais anticapitalista e socialista, como parte de uma luta continental contra o imperialismo. Trotsky defendia que a revolução era permanente nessa dinâmica de tarefas. Defendia também que quem poderia levá-las adiante para que seja permanente eram os trabalhadores que avançariam a tomar medidas socialistas. Dizia também que era permanente porque se iniciava na arena nacional e continuava em escala internacional e se desenvolveria com o desenvolvimento em outros países.

5- A realidade levou à necessidade de atualizar esta tese do pós-guerra em dois aspectos: outra classe pode levar adiante estas tarefas como na China foram os camponeses pobres. E que houve direções que não eram socialistas revolucionárias e sem um partido revolucionário que as dirigiram (Cuba, China e todo o pós-guerra se deu dessa forma). Nestes casos a dinâmica de avanço até o socialismo foi muito de "contragolpe" pela ação da contra-revolução imperialista sobre estes governos. Isto significa que nem sempre, em qualquer momento ou lugar, de forma mecânica as tarefas são anticapitalistas e levam ao socialismo. A revolução é permanente no sentido que se não avança retrocede, mas isto pode ocorrer num processo prolongado, as vezes mais prolongado do que se pensava, dependendo dos fatores que intervêm no processo.

6- A revolução permanente foi confirmada em mil por cento em sua dinâmica mundial. O débâcle do

“socialismo real” demonstrou que não há possibilidades do socialismo em um só país. O socialismo é um processo de luta internacional que não se pode alcançar a não ser que se exproprie a grande burguesia dona dos principais meios de produção, o que significa a luta socialista nos países imperialistas.

7- Toda nova etapa coloca uma hierarquia de tarefas na luta pelo socialismo de forma diferente. Há combinações distintas entre o econômico e o político. O ascenso do pós-guerra impôs às direções pequeno-burguesas de maneira objetiva a tarefa de expropriação da burguesia; dessa maneira avançou sobre o capitalismo e consolidou, ao mesmo tempo, o poder da burocracia. Não está colocada da mesma maneira agora, como consequência da ofensiva do capital, a luta pela expropriação aparece de forma mais difícil, menos objetiva e, portanto, mais propagandista. A forma de avanço do processo e as tarefas para que ele ocorra são essencialmente políticas, a extensão a outros países, a luta contra a burocracia, a democratização do processo. Antes da expropriação está colocado o controle por parte dos trabalhadores e do povo dos setores econômicos chave da produção e da distribuição.

8- No período atual a luta latino-americana onde os socialistas ainda são minoritários e há um processo em curso (Bolívia, Venezuela, Equador) nossa política é ser parte deste para, dentro dele, lutar pelo seu aprofundamento. É uma política que, resguardadas as devidas proporções, teve a III Internacional nas Teses do Oriente. Somente sendo parte ativa poderemos contribuir para levar adiante essas tarefas e afirmar as posições anticapitalistas e socialistas. Para isso mantemos nossa independência política.

#### **XIV- Lados ou campos na política dos revolucionários**

1- Os que chamamos “socialistas dogmáticos ou propagandistas” acreditam que não há solução sem o socialismo e é preciso agitar sempre a saída socialista. É uma verdade geral que concordamos que a saída é o socialismo. É uma verdade também que a confrontação final é entre proletariado e burguesia, que são os dois pólos da luta de classes. Mas a realidade da confrontação entre estes sujeitos sociais tem um desenvolvimento desigual e combinado. Em cada enfrentamento entre exploradores e explorados é preciso achar a linha divisória dessa confrontação (Por isso Lênin insiste tanto na análise concreta da situação concreta). Isto ocorre porque na realidade atuam diferentes setores e frações de classe, diferentes superestruturas que vão mais além de uma análise simplista. Não se pode cair no esquematismo. Há enfrentamentos entre nações oprimidas e opressoras e isto se potencializou na nova situação mundial.

2- Isto é mais visível em momentos de grandes contradições, de agudização e polarização política, onde precisamos estar preparados para saber tomar partido, tomar lado na situação para, dessa maneira, desenvolver as posições socialistas e não ficar simplesmente como espectadores. Os exemplos são categóricos: No Iraque e na Palestina é um enfrentamento entre a nação e o imperialismo. Na América Latina é entre os trabalhadores com o povo e o imperialismo. Na Venezuela é entre o povo pobre com o chavismo de um lado e a burguesia com o imperialismo do outro. O mesmo acontece quando ocorrem enfrentamentos contra a ditadura. A guerra civil espanhola tinha dois campos claros. Dentro do campo republicano os revolucionários lutavam com suas posições de forma independente, para derrotar o franquismo e deveriam superar e/ou derrotar os republicanos burgueses, mas tinham que fazê-lo ordenado pela tarefa de derrotar o franquismo. Na guerra mundial Moreno esboçou que havia um campo progressista democrático contra o nazismo. Nossa política é assumir um lado nestas confrontações, sem por isso perder de vista a organização independente. Neste sentido o referendo venezuelano é super claro.

3- Esta questão vem ao encontro com a experiência de nossa corrente histórica. Moreno, nos anos 50 e 60, em suas elaborações e sua experiência com o peronismo, defendia ser parte de um campo: estivemos com o peronismo contra a reação gorila. Moreno defendia a necessidade de saber traçar a linha divisória de cada confrontação, sem esquematismos. Por isso nos alinhamos com o peronismo quando estava no poder contra o perigo de golpe e, posteriormente na resistência ao golpe triunfante. Não era uma questão de campo militar somente. Essa política de saber traçar a linha divisória real e concreta é o que nos levou a fazer esforços para empalmar com os movimentos nacionalistas de fato na América Latina. É a mesma situação colocada aos companheiros da Venezuela agora, sendo parte do campo do processo bolivariano contra a reação e o imperialismo. Como defendemos um campo também na Revolução Cubana contra o imperialismo. Saber atuar em um lado do confronto com independência política e organizativa e defendendo os interesses da classe operária. Essa é uma política geral nas situações agudas e, em particular, nos países independentes que estão na mira do imperialismo.

4- Uma reformulação equivocada dessa política nos anos 80. Nessa época, Moreno fez uma polêmica que o levou a formular uma teoria nova contra os campos. No afã de polemizar contra uma corrente trotskista oportunista (lambertismo, o Trabalho no Brasil) negou, por exemplo, o campo republicano na Espanha. No afã polêmico chegou a dizer que a burguesia entre republicana e monárquica estava dividida somente pela melhor forma de derrotar os trabalhadores. Somente defendeu que se está em um campo quando há enfrentamento militar nesse caso sob disciplina militar.

Esta posição de Moreno de negar os campos se relacionava com a da frente contra-revolucionária mundial. Se há uma situação revolucionária mundial seria lógico que todos os exploradores e todas as direções que não aceitem a revolução possam estar no mesmo campo. Mas é algo que se torna incompreensível, colocar Hezbolah, Hamas, Al Sadr, que são direções pequeno-burguesas ou burguesas, no mesmo campo que a direita e Bush nesses países e em escala mundial.

5- Os campos não existem somente em confrontos militares, mas em períodos de confrontos e agudização da luta de classes e de instabilidade como a que vivemos agora e como antes existiram na China, na Espanha, na resistência peronista, na luta para manter a independência de um país. Concretamente na Venezuela onde há claramente dois campos, não três como dizem os propagandistas. Isto se concretizou frente à reforma constitucional. Ou se vota SIM ou se vota NÃO. Esta mesma decisão se deve tomar na Bolívia.